Formação Polivalente

Dr. Eng. Hermínio Duarte-Ramos

O equilíbrio entre formar e informar é cada vez mais importante. Tanto na especialidade como na generalidade. Mas se os especialistas têm o seu lugar no mercado de trabalho, os generalistas parecem encontrar mais oportunidades de emprego pelas tecnologias de informação.

As mutações operadas nas estruturas sociais, em geral, e na economia, em particular, aceleram o ritmo das mudanças quanto à qualificação e competência dos recursos humanos. A resposta a estas exigências terá que ser eficaz, sob pena de se resvalar para o atraso tecnológico e conseqüentemente para o sub-desenvolvimento económico.

Reconhece-se que a formação adequada dos trabalhadores e dos quadros das empresas é fundamental à criteriosa adopção das tecnologias avançadas. Daí repercutem-se novas características no ensino e formação objecto das escolas. Interessa portanto perceber quais as exigências previsíveis do mercado de trabalho, para que se antevejam os melhores conteúdos programáticos do ensino e formação. Nesta abordagem crítica pode-se até ponderar se as estruturas escolares conseguem responder às futuras exigências.

A breve eliminação das fronteiras alfandegárias entre países comunitários, tanto para bens de consumo e de capital como de recursos humanos, influenciará a análise do problema. Será erróneo observar a questão isoladamente, no âmbito estrito do País, como é tradição. Hoje estamos inseridos no panorama europeu, que se tende a alargar, e com o qual enraizamos laços e experiências.

Deste modo, o exame do que se passa além fronteiras é cada vez mais importante, para identificarmos a melhor harmonização com os outros povos com os quais teremos de conviver intimamente. Muito do que devemos fazer, sem perda evidente da nossa identidade cultural, pode ser discutido à luz das experiências verificadas noutros países. É o caso dos resultados no campo do ensino e formação.

Ora uma característica que se nota actual é a dialéctica da formação especializada e formação polivalente. Por um lado, as modernas organizações empresariais necessitam de formações específicas muito profundas ao nível tecnológico. Por outro lado, cresce progressivamente a expansão da participação dos serviços, onde a tónica reside na formação polivalente.

Sabe-se que uma empresa industrial moderna, para sobreviver em competição livre, tem forçosamente que repartir as suas actividades por três domínios interactuantes: tecnologia, organização e marketing. Mas, numa fase de maturidade, à velocidade de cruzeiro, a acuidade da componente tecnológica é manifestamente inferior às das outras duas. Embora o âmago da produção resida na esfera da engenharia produtiva, a agressividade concorrencial exige que se preste a melhor atenção à esfera

organizativa, implementando sistemas activos com elevada flexibilidade, e à esfera do marketing, recolhendo elementos prospectivos que orientem a potencial adequação flexível.

Produzir por produzir, ainda que bem tecnologicamente, não interessa a nenhum projecto empresarial. Se não forem atendidas as envolventes estruturais, no plano interno, e comerciais, no âmbito externo, o melhor projecto tecnológico sucumbirá inexoravelmente perante a agressividade da concorrência nos mercados abertos.

Conclui-se, por conseguinte, que muitos dos recursos humanos de uma empresa devem operar nas redes tentaculares emanadas a partir da produção tecnológica. E nesta simbiose da técnica com a economia, na interface tradicionalmente designada técnico-comercial, a polivalência revela-se uma característica indispensável para o bom êxito das iniciativas integradas.

Chegados a este resultado, comprovado na dinâmica dos restantes países comunitários, não se pode deixar de concluir que a formação polivalente será cada vez mais importante. E esta formação assenta na familiarização com as tecnologias de informação.

Se olharmos para o que se passa em Portugal ressalta logo uma deficiente qualificação profissional devida à importância do sistema de ensino e formação. Detecta-se um atraso enorme nas respostas convenientes à formação de pessoal polivalente, detentor de uma vasta gama de qualificações básicas, que permita o reordenamento eficaz das actividades empresariais. A reduzida formação verificada nas décadas de 1960 e 70, mais em termos quantitativos do que qualificativos, foi agravada durante os anos 80 pelo tardio reaparecimento do ensino profissionalizante.

A inércia do sistema educativo revela-se excessiva, impedindo uma resposta a tempo às solicitações do mercado de trabalho. Por isso, a formação nas empresas e em curso de emprego surgiram como alternativas necessárias. As empresas reagiram à inoperância do sistema oficial no nível especializado e no domínio das polivalências, introduzindo estruturas de formação profissional no seu quadro de valores.

Prevemos, no entanto, que esta mutação convergirá para o paradigma clássico: as empresas irão dedicar-se mais afinadamente à sua função produtiva e mercantil, deixando para as escolas a formação polivalente. É que já hoje se nota um grande esbatimento entre este tipo de formação profissional e a formação básica concedida a partir das novas tecnologias. ■